

Campanha supera a das diretas-já

(Continuação da 1ª página)

— Por que isso a que se está assistindo é uma revolução?

Gushiken, um ex-bancário egresso das lides da Libelu, uma organização clandestina que nos anos 70 sonhou com a luta armada como única via revolucionária, tira o cachimbo da boca e responde enquanto o avião sobrevoa Salvador:

— Porque essa massa vai cobrar. Ela não vai ceder, ela vai exigir. Coitado de quem for eleito. Nada será como antes.

Lula já vinha dizendo mais ou menos o mesmo nos comícios: “Vocês é que vão mudar este país”. “Não é de Lula que eles têm medo, Lula, eles passam um caminhão por cima e matam na hora que quiserem. Eles têm medo é de vocês”. “Essa consciência que vocês estão adquirindo nas praças, essa consciência da força de vocês, essa ninguém tira mais”. “O que tem nessa praça aqui não são eleitores, é a dignidade”. “Nós começamos a criar um país novo”.

Isso ele dissera em Fortaleza, na noite anterior, onde os eletricitários suspenderam a greve para que seu candidato não falasse no escuro. Repetira em Belém, sob o sol de um meio-dia amazônico e uma massa inacreditável; no Recife, onde se calculou que havia mais gente que quando Arraes voltou do exílio; em João Pessoa, na Praça da Lagoa, mais lotada do que no comício das Diretas, de noite, e não às duas horas da tarde, como nessa quarta-feira; em Aracaju, onde a interminável carreato e o povo pulando e cantando nas calçadas davam a impressão de só se poder reunir tanta euforia juntando no mesmo dia a conquista da Copa do Mundo, a vitória da Mangueira e a queda do Sarney.

O mais misterioso é que pelo menos nos últimos 15 dias não se registrou uma briga nessas aglomerações petistas, nesse transbordamento coletivo de entusiasmo. E não por falta de bebida. Pode não ser nem peculiaridade da campanha do PT, mas o fato é que, a um quilômetro de raio de seus comícios, em qualquer cidade, não se encontra uma garrafa de cerveja, um copo de chope para beber.

Em cima de Salvador, arriado na poltrona e com uma dívida de sono maior do que a do Brasil em dólares — com a diferença de que uma ele sonha pagar e a outra ele jura suspender — Lula é a imagem de que um candidato a presidente antes de tudo precisa ter resistência física. Morrendo de sono, resiste a dormir: prefere ir para os comícios “aceso”. Dormiu cerca de três horas a noite anterior, está acordado há 16 horas e já falou, entre entrevistas e comícios, umas sete horas. É duro o dia de um candidato.

De qualquer maneira, seu humor está muito melhor do que de manhã, quando embarcou em Recife. Tinha conversado com Arraes até as duas e pouco da madrugada, se levantara às seis, às 7h30 estava dando entrevistas no hall do hotel e às 10 ia para Olinda gravar o programa do horário gratuito num estúdio arranjado às pressas. Ai teve que repetir quatro vezes a gravação que será o último programa: um agradecimento à participação dos militantes. Às 12h45, quando subiu no avião rumo à Paraíba, descobriu que estava atrasado mais de uma hora. Daí o mau humor. Reclama, enche a mão de Kleenex, tenta assoar estrondosamente toda a gripe que não o larga há uma semana, pega os jornais locais e se desliga. Fica satisfeito quando lê que o seu comício da noite anterior foi maior do que

o de Brizola, apesar da presença de Gilberto Gil. Brinca: “Se tinha 30 mil é porque o Gil levou 20 mil”. Depois vê a notícia de que o candidato do PDT está pedindo a sua renúncia e comenta:

— O Brizola não pode tá falando sério, não é possível.

— Mas ele diz pelo menos uma coisa objetiva: que você não tem experiência.

Lula revida logo:

— Se é competição de experiência, então vamos chamar o dr. Ulysses. Nessa viagem para João Pessoa, o candidato do PT fica mais tranqüilo, porque acha que ai a estada vai ser rápida, o que permitirá recuperar o atraso e chegar na hora em Aracaju e Salvador.

Puro engano. À medida que o aparelho começa a descer, surge lá embaixo por instantes uma visão estranha. O gradil que cerca o campo de pouso parece todo pintado de vermelho e, mais estranho, está balançando. Só então, a 500 metros do solo, se percebe a ilusão de ótica: a cerca continuava verde. Milhares de bandeiras vermelhas é que davam aquela impressão. “É gente!”, alguém informa. Lula acha graça: “P...que p..., tamos f...”. Mais uma vez, a agenda iria por água abaixo. Docemente contrariado, tira a camisa e troca por uma das três que estão penduradas num cabide, e que têm uma vantagem: são igualmente sujas, têm o mesmo cheiro, mas estão secas.

O ritual vai se repetir. Uns 20 minutos no aeroporto cercado por câmeras de TV e microfones, muitas perguntas, muita confusão. Em seguida, a carreato. Em João Pessoa, o Detran falava em 1007 carros. A precisão

dos guardas lembrava certos cálculos de massa: 23.350 pessoas, informa-se às vezes como se tivessem sido contados até os que foram ao banheiro.

Exatamente às 14h15, Lula chegava à praça do Parque Solón de Lucena, na Lagoa, onde a multidão o esperava desde as 10h30. Às 14h53, começa a falar — e é só contar 40 minutos, o mínimo que fala, para se saber qual será o atraso do dia. Às 17h33, o comandante Egon inicia o procedimento de vôo rumo a Aracaju, onde o candidato devia estar falando há uma hora e meia. Chega às 18h25 e parte às 21h15, chegando a Salvador às 22h.

Num desses comícios, Lula leva o repórter até a ponta do palanque e mostra a massa:

Há jovens, crianças enganchadas no pescoço dos pais, gatinhas, velhos, bocas desdentadas. É difícil tirar uma média. Será a cara do país? Essas pessoas estão ai há três, quatro horas. Os da frente e os do meio não podem se mexer. Não podem pensar, coitados, em dar uma saidinha para, como se diz, fazer suas necessidades — para muitos, as únicas necessidades que costumam satisfazer diariamente. São tão diferentes, mas todos parecem estar gostando da experiência: eles estão provando o gosto da cidadania.

Enquanto espera a sua vez de falar, Lula faz baixo um pequeno discurso:

— Essa gente não perdoa mais. Essa gente tá descobrindo que eles são o país, que tudo agora depende, deles. Eles estão adquirindo a consciência de um poder, que nos últimos anos eles achavam que tinham perdido.

É essa a revolução a que ele e Gushiken se referiam no avião. O presidente do PT está certo: coitado de quem ganhar. (Z.V.)